

VALENTE, Luíze. *Sonata em Auschwitz*. Rio de Janeiro: Record, 2017. 376 p.

Luíze Valente, escritora e jornalista de ascendência luso-alemã, lançou-se no universo literário em 2012 com o romance *O Segredo da Oratória*, finalista do Prêmio São Paulo de Literatura; posteriormente escreveu *Uma Praça em Antuérpia*, em 2015 (ambos publicados pela editora Record). *Sonata em Auschwitz* é o terceiro romance da autora e tem como mote a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente o Holocausto e suas consequências diretas e indiretas. A obra conta com uma bem-sucedida pesquisa histórica que abarca desde os últimos meses de 1938, com a anexação da Polônia pela Alemanha, a Noite dos Cristais, a implementação das leis antissemitas, a formação dos guetos na Hungria (após a ocupação germânica), as deportações para os campos de extermínio em Auschwitz-Birkenau (chegando até o interior das câmaras de gás), entre outros eventos.

A intriga do romance é permeada por inúmeras peripécias e reconhecimentos. A obra é dividida em cinco partes, narrada alternadamente entre a terceira e a primeira pessoa. A protagonista, Amália, toma a palavra para contar a história de sua família, entretanto, as demais personagens também assumem a voz narrativa, à medida que a obra se desenrola, para revelarem suas experiências dolorosas. Do capítulo “O começo da linha” até “O fim da linha” apresenta-se um emaranhado de destinos que se entrelaçam no caminho da jovem Amália. *Sonata em Auschwitz*, além disso, transcorre, de forma não linear, entre o tempo da memória das personagens – de 1938 até o imediato pós-guerra – e o presente dos acontecimentos – o ano de 1999. A localização geográfica igualmente é intercalada por diferentes espaços: Portugal, Alemanha, Hungria, Polônia e Brasil.

O enredo do romance se desencadeia a partir da descoberta da protagonista sobre o passado nazista do avô paterno, passado que o seu pai renegou e manteve em segredo. Amália parte rumo à sua progênie depois de interceptar uma conversa telefônica entre o pai e a avó, Frida. Nessa jornada, a jovem, guiada por uma sonata composta por Friedrich Schmidt, seu avô, descobre que ele salvara um bebê recém-nascido do campo de Auschwitz. A partir disso, a garota defronta-se com Haya – o bebê nascido no campo e para quem a sonata foi dedicada – e, conseqüentemente, com a história de Adele – mãe de Haya – e de Enoch – seu padrasto.

As quatro personagens interligam-se, assim, por meio de Friedrich, o avô de Amália. Friedrich é o oficial nazista que leva Haya de Auschwitz logo após seu nascimento e que morre para salvar Enoch (um prisioneiro judeu que atuava como *Sonderkommando* nas câmaras de gás). Ao retornar ao campo, a fim de libertar Adele, o oficial é abatido com um tiro na nuca após trocar sua farda pelas roupas de Enoch, o qual se passara pelo marido de Adele para escapar. Enoch encontra a criança salva no endereço do avô de Friedrich e, após alguns eventos que propiciam o reencontro de mãe e filha, Adele e ele se apaixonam, e os três partem para o Brasil. O homem, entretanto, jamais revelou a verdade sobre sua passagem pelo campo, cobrindo o número de prisioneiro com uma tatuagem de fênix. Ao final da trama, contudo, ele relata sua história para Amália:

–Eu ia morrer com isto. Não por mim, por Adele. (...) Friedrich me salvou achando que salvara o marido dela. Deu a vida por ele. Eu fui apenas um ladrão. Roubei a vida que não era minha. Adele costuma dizer que Auschwitz nunca abandona quem esteve lá. Eu discordo. Pessoas como Adele conseguem viver, *apesar de* Auschwitz. É gente como eu que Auschwitz jamais abandona... Gente que apenas sobrevive... (VALENTE, 2017, p. 361,362).

Sonata em Auschwitz é um romance repleto de incidentes, os quais, aliados ao ritmo acelerado e às sobreposições de tempo e de espaço, imprimem no texto de Luíze Valente um tom, segundo Dag Bandeira (2017), “policialesco”. A obra, no entanto, peca ao tentar englobar todos os aspectos envolvidos na Shoah, e o capítulo final, com o intuito de surpreender o leitor, beira o inverossímil. Apesar de contar com uma pesquisa histórica convincente e de basear o seu enredo no relato de Maria Yefremov, uma sobrevivente de Auschwitz que teve um bebê em um barracão do campo, o retrato minucioso, com imagens chocantes, e o foco (em primeira pessoa) erigido a

partir da câmara de gás e dos crematórios parecem ambicionar apenas o impacto no leitor, assim como o final inusitado objetivaria apenas surpreendê-lo. Esses fatores soam desnecessários e até apelativos:

Quando abríamos as portas das câmaras de gás, havia merda por todo o lado. O medo faz o ser humano defecar. Havia também vômito e paredes arranhadas com sangue dos dedos esfolados no cimento. Crianças e velhos formavam massas disformes, coladas, na base da pilha de corpos – *pedaços*, como os guardas costumavam nominá-los. Eles povoavam minha memória impregnados de odores (p. 344).

Além disso, a trama inverte a posição de algoz e de vítima, transforma o oficial nazista em herói da história e converte, mais uma vez – do mesmo modo como ocorrera nos campos –, a vítima em carrasco e, principalmente, contesta a integridade moral da personagem. Mesmo que a intriga do romance apresente Enoch como um homem que foi obrigado a assumir o lugar de *Sonderkommando*, e que a situação o tenha impellido a ludibriar o oficial (o “outro” detentor de poder e que representava a possibilidade de sobrevivência em meio ao horror total), o papel de “usurpador” ganha destaque no desenrolar narrativo e o questionamento sobre essa inversão de papéis, entre opressor e oprimido, é mitigado em prol da redenção do oficial nazista – aspecto priorizado na narrativa.

À parte isso, o fato de tematizar a dor não vivida é visto por alguns pesquisadores como uma forma de exploração – em nome de boas intenções – da dor e do sofrimento das vítimas silenciadas pela História (SCHØLLHAMMER, 2012). Explora porque transforma o hediondo, a morte em escala industrial, em produto mercantil que, a partir do distanciamento estético, torna-se passível de fruição e contemplação indiferente por parte do espectador, o qual se integra à frieza burguesa, admirando as atrocidades e a nulidade da existência sem angústia (ADORNO, 2009).

Relembrar o passado é fundamental para que o horror não se repita, mas um tema tão complexo e delicado carece de uma problematização aprofundada. Priorizar o deleite e a suspensão da expectativa do leitor são aspectos que devem ser questionados em qualquer obra que venha a abordar o assunto. Todavia, *Sonata em Auschwitz* cumpre o papel de representar os fatos históricos, o caminhar progressivo da intolerância e da barbárie, de forma convincente.

REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BANDEIRA, Dag. *História*. Página de Luize Valente. Disponível em: <http://sonata.luizevalente.com>. Acesso em: 28 maio, 2018.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Para uma crítica do realismo traumático. SOLETRAS: Revista do Departamento de Letras. Portal de publicações eletrônicas. Rio de Janeiro: UERJ, n. 23, 30 out., 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/>. Acesso em: 27 maio, 2018.

VALENTE, Luize. *Sonata em Auschwitz*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

Christini Roman de Lima
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
christiniroman@gmail.com